
Estudos sobre a Rádio. Passado, Presente e Futuro. João Paulo Meneses

Filomena Borges

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cp/143>

DOI: 10.4000/cp.143

ISSN: 2183-2269

Editora

Escola Superior de Comunicação Social

Edição impressa

Data de publicação: 1 dezembro 2012

Paginação: 111-114

ISSN: 16461479

Refêrencia eletrónica

Filomena Borges, « Estudos sobre a Rádio. Passado, Presente e Futuro. João Paulo Meneses », *Comunicação Pública* [Online], vol.7 n12 | 2012, posto online no dia 15 outubro 2013, consultado o 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cp/143> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cp.143>



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

João Paulo Meneses

Estudos sobre a Rádio. Passado, Presente e Futuro

Mais Leituras – Editora, 2012 (224 páginas)

Estudos sobre a Rádio. Passado, Presente e Futuro é o título do mais recente livro de João Paulo Meneses, que apresenta a rádio num ambiente de transformação constante, propiciado pelo advento da Internet. Editado pela Legis Editora, em Fevereiro de 2012, no âmbito da colecção *Mais Leituras*, a obra de Meneses surge numa altura em que a rádio vive a maior crise desde o aparecimento da televisão. O autor analisa o passado e o presente desta plataforma comunicacional, apresenta a rádio musical em conflito com uma identidade ultrapassada, e perspectiva um futuro marcado pelo compasso do desenvolvimento das novas tecnologias digitais.

João Paulo Meneses trabalha há mais de duas décadas na rádio e é, actualmente, jornalista na *TSF – Rádio Notícias*. A par das actividades desempenhadas nesta estação, enquanto responsável pela edição *online*, acumula também funções docentes na Universidade de Vigo, onde lecciona há mais de dez anos. Foi também nesta instituição que realizou o doutoramento em Comunicação. Entre as suas publicações destaca-se o livro *Tudo o que se Passa, Passa na TSF*, publicado em 2003.

Em *Estudos sobre Rádio. Passado, Presente e Futuro*, João Paulo Meneses pressagia o amanhã do jornalismo radiofónico e convida o leitor a destrancar as portas de um universo no qual a rádio pode ser edificada, de acordo com as preferências de cada ouvinte. Através da exposição de um conjunto de possíveis oportunidades e ameaças que a galáxia radiofónica parece propiciar, o autor apresenta as inquietações que giram em torno do futuro da rádio musical, perante as inconvenientes alternativas proporcionadas pelas novas tecnologias. Do *podcasting* sem *podcast* à realidade remota (mas actual) vaticinada por Bertolt Brecht, João Paulo Meneses estabelece a plataforma entre um passado relativamente distante e as tendências de uma nova geração – a *geração iPod*.

O livro está dividido em três partes. A primeira sobrevoa as preocupações do passado; a segunda mostra a rádio de um presente já influenciado pelas fronteiras ilimitadas da Internet; e a terceira e última parte prende-se com a “antevisão” de uma rádio do futuro, sem deixar de sublinhar uma certeza e uma dúvida: “Cem anos depois, a rádio muda; acaba?” (*ibidem*, 2012: 157).

Relativamente à primeira parte da obra em análise, e para que seja possível entender o carácter prospectivo da abordagem proposta, importa reflectir sobre

algumas das problemáticas apresentadas. Uma delas diz respeito a alguns dos equívocos existentes na categorização da rádio generalista. Meneses começa por fazer o enquadramento histórico daquilo que, consensualmente, se entende por este tipo de rádio, sem deixar de explicar de que forma é que a lógica de “uma rádio que procura, tendencialmente, agradar a todos” poderá, ou não, “encontrar-se, como definição, numa rádio de serviço público” (*ibidem*, 2012: 18). Para o autor, a rádio generalista é um “anacronismo histórico nos principais mercados, como os Estados Unidos e a Grã-Bretanha” (*ibidem*, 2012: 13), sendo que, em Portugal, parece ser cada vez mais complicado admitir a possibilidade de inserção de um “novo e ambicioso projecto” nesta área, principalmente quando os formatos que a potenciam ameaçam dominar o espectro radiofónico, imprimindo-lhe uma lógica inadequada quando confrontada com as alternativas do universo virtual: “É certo que, sobretudo na lógica de serviço público, e um pouco menos na vertente meramente comercial, quanto mais esforços forem feitos para agradar a todos os públicos (ou, mesmo, ao máximo de públicos), menos agradarão a cada um deles – que por sua vez terão, até com a Internet, alternativas consistentes que mais lhes agradarão”. (*ibidem*, 2012: 42)

Ainda na primeira parte, e através do conceito “estética do erro” avançado por Emílio Prado, Meneses aborda a produção da oralidade no jornalismo radiofónico, de uma forma particularmente interessante. A “estética do erro” explica de que forma é que a naturalidade premeditada de um determinado discurso pode ser estreitamente articulada com o seu improvisado. O conceito encontrado no livro de Prado, e que remonta ao *jazz*, pretende produzir uma “aproximação entre emissor e receptor, uma certa cumplicidade amigável e, em definitivo, uma humanização da expressão que favorece a criação de um clímax comunicativo” (Prado, 1985: 21, *apud* Meneses, 2012: 49).

Meneses retrabalha o conceito referido no parágrafo supracitado, e estabelece uma distinção entre os locutores profissionais – dotados de uma técnica de leitura “perfeita e virtuosa” – e as “máquinas falantes” – os locutores cuja vocalização se aproxima da realidade, sem que o rigor e o cumprimento das regras jornalísticas sejam necessariamente penalizados. Meneses refere o caso de Francisco Sena Santos – jornalista e docente na Escola Superior de Comunicação Social –, “que lê, mas também improvisa, conversa mas também se submete ao rigor dos factos” (*ibidem*, 2012: 57). Sem deixar de sublinhar que, no âmbito da expressão oral, a “estética do erro” deve ser utilizada apenas como recurso, o autor afirma que a designação em causa deve

ser entendida mais como “enquadradora do que como agregadora”, ou seja, a concepção de improvisação, que tão bem caracteriza os solos ambiciosos da música *jazz*, deve ser antecedida, no caso do jornalismo radiofónico, pela escrita. Uma escrita que não pode ser distanciada da atmosfera da espontaneidade, mas que, tal como no caso já apontado de Francisco Sena Santos, precisa de ser apurada “com técnica e arte (mesmo tendo em cima a pressão do *tic-tac*)”.

Já na segunda parte do livro, Meneses começa por tecer algumas considerações sobre o insucesso da rádio em plataforma clássica, aliado ao consequente desinteresse que esta desperta por parte das audiências, para, numa fase posterior, passar a expor as ameaças de uma rádio musical, intimidada pelas consequências das novas tecnologias digitais. De acordo com o autor, esta rádio não precisa de se acomodar perante um futuro que já começou, mas sim de se adaptar às alternativas propiciadas pela Internet, no sentido de “ultrapassar as limitações estruturais que a própria rádio apresenta desde a sua fundação” (*ibidem*, 2012: 85).

A apresentação das eventuais possibilidades para o *podcasting* sem *podcast* e para este último enquanto arquivo inteligente – que esgota o caminho trilhado pela “emissão sincrónica, permitindo que se ouça apenas o que se quer e quando se quer” (*ibidem*, 2012: 103) – são duas das temáticas que integram o desfecho da segunda parte da obra. Apesar dos constrangimentos e reservas que a técnica do *podcasting* ainda suscita, “a rádio não ignora as suas vantagens” (*ibidem*, 2012: 167). A existência de arquivos, *podcasts* e serviços *on-demand*, que integram o princípio da lógica de personalização, acrescentam valor a uma indústria radiofónica que está, claramente, num momento de transição. Resta saber se o posterior desenvolvimento deste tipo de hibridismo e transitoriedade poderá responder à questão proposta por Helen Shaw – uma das autoras que serviu de inspiração a Meneses: “[...] But will it still be radio?” (Shaw, 2005, *apud* Meneses, 2012: 173).

Aliada às duas perspectivas, referenciadas anteriormente, uma terceira merece destaque: a relação existente entre o mundo da rádio e a chamada *iPod generation* – uma geração em que o descontentamento perante a inevitabilidade de uma circunstância passiva é constante, sobretudo quando as alternativas proporcionadas pela digitalização estão a um “clique” de distância.

Ainda que esta tenha sido a geração sonhada por Brecht, tornou-se agora a “geração perdida” (para a rádio), na perspectiva de João Paulo Meneses. A referência efectuada pelo jornalista ao autor da emblemática *Teoria do Rádio*

é congruente e apresenta-se em concordância com as principais linhas orientadoras que delimitam as ideias expostas ao longo do livro em análise. Se, em 1932, a utopia de Brecht tocava nos horizontes de uma rádio dotada de um chão pouco firme para poder existir – Brecht acreditava na possibilidade de a rádio não só poder emitir uma determinada mensagem para os seus ouvintes, como também de a poder receber –, oitenta anos depois as vozes do passado mostram que a efemeridade do presente pode deixar no ar “uma tal de inevitável incerteza”: o passaporte para o futuro, determinado pela eminência dos suportes digitais.

Já no desfecho desta obra – e ao direccionar a temática em causa para o estudo de uma realidade nacional (que, surpreendentemente, parece ter caído no esquecimento) –, o autor tenta perceber se a erosão nas audiências de rádio entre os públicos mais jovens se confirma, e de que forma pode ser quantificada.

Numa clara oscilação entre indefinições e certezas, uma coisa parece clara na conceptualização proposta por Menezes: “A rádio não evoluiu; adaptou-se” (Menezes, 2012: 159). “Ou seja: a rádio, de ontem e até de hoje, pode definir-se como um conteúdo sonoro (palavra e/ou música) predeterminado por alguém (a direcção de programas ou o autor) para ser ouvido (através de difusão hertziana terrestre ou outra, como o cabo, o satélite ou mesmo a Internet) por muitos (nos mais variados tipos de receptores), passivamente (o fluxo é linear, irrepetível e não manipulável)” (*ibidem*, 2012: 162).

No actual contexto de adaptação, prevalece um ouvinte “elevado ao estatuto de utilizador”, cujo patamar de ascensão, ainda que embrionário, não pode estar dissociado da integração de “outro tipo de conteúdos” e de “formas eficazes de os distribuir” (*ibidem*).

A leitura deste livro sugere pelo menos duas questões, sobre as quais o leitor pode reflectir: será que a rádio conseguirá acompanhar o ritmo imposto por um universo digital em constante redefinição? Ou a difusão e a recepção da mensagem radiofónica só poderão ser efectivadas por intermédio da apropriação de um ouvinte passivo?

Filomena Borges

Aluna do mestrado em Jornalismo da ESCS, IPL
Estagiária na TSF – Rádio Notícias, na delegação do Porto